

Špánková, Silvie; Jorge, Lília

Lília Jorge (1946): A Costa dos Murmúrios (1988)

In: Špánková, Silvie. *(Des)colonização na literatura portuguesa contemporânea : breve antologia de textos literários e ensaísticos com atividades*. 1. vyd. Brno: Masarykova univerzita, 2014, pp. 60-62

ISBN 978-80-210-7053-0; ISBN 978-80-210-7056-1 (online : Mobipocket)

Stable URL (handle): <https://hdl.handle.net/11222.digilib/130543>

Access Date: 19. 03. 2025

Version: 20220831

Terms of use: Digital Library of the Faculty of Arts, Masaryk University provides access to digitized documents strictly for personal use, unless otherwise specified.

Lídia Jorge (1946): *A Costa dos Murmúrios* (1988)

Uma das melhores obras retratando o trauma da guerra colonial. A autora aplica uma perspectiva inversa: em vez da violência física, feita e sofrida pelos homens, é aqui sublinhada a violência psíquica a que foram submetidas as mulheres, subjugadas, humilhadas, fechadas em casas ou hotéis. A guerra, vista a partir dos “bastidores”, é tão cruel quanto a sofrida na frente e na própria pele: as mulheres tornam-se testemunhas/participantes (in)voluntárias da violência cometida pelos homens. A protagonista, Eva Lopo, chamada Evita, é porventura uma exceção devido à sua rebeldia feminina e consciencialização do conflito político-social.

É assim que me lembro, ainda que para nada – disse de novo Eva Lopo - das caixas e dos envelopes selados que saíram do cofre. Estavam envolvidos em papel de plástico com armas dum exército dum país diferente e etiquetados com palavras também em língua diferente. Os envelopes dizia simplesmente *spoilt*, mas as caixas, essas, estavam rotuladas em caracteres grandes - TO BE DESTROYED. Helena avisou, no entanto, que para já não havia intenção de queimar. Quando houvesse uma independência branca, aqueles seriam os documentos que haveriam de atestar quem tinha e não tinha ido à guerra. Blablá mesmo escrito era uma coisa, enquanto a cara na película era outra – tinha dito o Jaime. Queimariam sim, no caso de haver uma volta diferente, mas o Jaime não acreditava em voltas diferentes. Por dentro das caixas havia envelopes, e dentro dos envelopes, amarradas com elásticos, as fotografias arrumavam-se por operações. Em cada envelope, às vezes manuscrito, lia-se *spoilt*. Helena começou a passar os envelopes. Devia conhecer as fotografias como um bom estudante conhece a sua sebenta. Ela ia seleccionando, ia dizendo baixo, não interessa, não interessa ... Parou num envelope que dizia *Tigre Doido* para além de *spoilt*. Helena passou-me esse envelope, com o olho pregado ora na porta ora na janela, daquele quarto de caça. Vejo - as primeiras dez são fotografias de colunas normais. A pessoa que as tirou deveria ter sido uma das últimas porque apanhou, em terreno quase descoberto, as cabeças de inúmeros soldados em longa fila, sobressaindo acima das gramíneas. Há fotografias prosaicas com soldados comendo deitados, outros enterrando latas. Numa outra estão fugindo e abandonando os bornais e as espingardas. Helena explica que se tratou dum ataque de formiga. Na fotografia seguinte, de facto, um soldado ri, mostrando uma espingarda sem bandoleira. Helena diz - «Começa aqui!» Helena mostra. Numa fotografia tremida, um negro esfarrapado está a ser segurado pelos braços, mas não se lhe vê o rosto porque está de costas. Vê-se

na seguinte o rosto, mas não se lhe distinguem bem as feições nem a fotografia está legendada. Na seguinte, o capitão examina uma arma. Helena explica - «É uma Kalash que temos aqui em casa. Você sabia que temos uma Kalashnikov em casa?» Novamente a coluna, a vegetação rasteira, e em seguida os soldados figuram entre umas árvores sem copa que parecem ter sido queimadas. Não, não devem ter sido queimadas, são mesmo assim. Está legendado - *Zona dos Paus com paisagem de paus*. No meio desses paus, sem copa, é a primeira vez que distingo o noivo. Helena retira essa fotografia do molho e suspende a fotografia onde se lhe vê nitidamente a cabeça. Tem a barba crescida e a bóina espalmada na testa, o noivo. Depois só silhuetas, só figuras andando, depois o tipo negro sem camisa, de calções esfarrapados, à frente.

«Este é o mesmo a quem tiraram a arma» - explica Helena. «Não viu atrás?»

Helena faz questão de mostrar atrás, mas logo a seguir o homem negro dos calções esfarrapados aparece a ser amarrado pelo pescoço numa espécie de pano. «É a camisa dele» - explica. A fotografia seguinte representa uma árvore alta, sem folhas, como se realmente queimada, e um grande galho donde pende o negro, pelo pescoço, baloiçando sem camisa. A seguinte tem a mesma árvore, o mesmo galho, o mesmo negro, mas agora não tem nem calças nem camisa. O negro baloiça no galho da árvore, rodeado por soldados. Helena segura a fotografia. «Disse o Jaime que as calças dele escorregaram e que ejaculou para cima do capim, em frente dos soldados portugueses! O Jaime diz que nunca mais acontece - agora vão amarrar sempre as calças de quem for enforcado, para se pouparem a cenas dessas!» - disse ela. «Passe» - disse, com um olho na porta, outro na janela. Passou outro pacote. Agora havia outro pacote que dizia *Víbora Venenosa*. Eram imagens de incêndios, aldeias em chamas, sem qualquer referência. O fotógrafo deveria gostar dos rolos de fumo. As seguintes tinham referência, localização, e número de palhotas destruídas - destruídas trinta, oitenta e três ... Também traziam coordenadas. Agora no meio das palhotas incendiadas havia soldados correndo. Adiante, novo pacote. Estávamos sentadas num sofá de pano onde Helena ia empilhando e desempilhando. Helena mostrou-me com precaução o pacote que dizia *spoilt* como os outros e *Víbora Venenosa III*. Mais rostos, mais cabeças de soldados escondidos entre sarças, mais incêndios, e logo a imagem dum homem caído de bruços, depois dois telhados, e sobre um dos telhados de palha, um soldado com a cabeça dum negro espetada num pau. Viam-se vários corpos sem cabeça à beira duma chitala, um bando de galinhas avoejava sobre eles na mesma fotografia. Helena passou. Helena tomou a seguinte e mostrou o soldado em pé, sobre o caniço. Via-se nitidamente o pau, a cabeça espetada, mas o soldado que a agitava não era um soldado, era o noivo. Helena de Tróia disse - «Vê aqui

o seu noivo? » Ela queria que Evita visse. Era claro como a manhã que despontava que Helena de Tróia me havia trazido até àquela divisão da casa para que eu visse sobretudo o noivo.

(JORGE, Lídia. *A Costa dos Murmúrios*. Lisboa: Dom Quixote, 1998, 131–133)

Atividades:

1. Comente a perspetiva da narração.
2. Descreva o comportamento de duas mulheres.
3. A partir de dados indicados, tente caracterizar as personagens do romance (Evita, Helena, Luís, Jaime).
4. Comente o conflito político de que se fala no extrato, bem como as atitudes das personagens.